



# VANTAGENS E LIMITAÇÕES DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA.

Avraham Ayalon

---

*Em virtude das novas condicionantes presentes no moderno campo de batalha, os princípios de guerra são postos, algumas vezes, em debate, em particular entre aqueles que participaram de conflitos recentes.*

*Esta matéria, transcrição de artigo publicado na Military Review (Edição Brasileira), 4º trimestre de 1987, defende sua validade e destaca suas limitações, em função das experiências do Exército de Israel.*

---

*Os princípios de guerra não constituem um conjunto universalmente aceito – os diferentes exércitos e estudiosos da arte da guerra criam princípios diferentes. Todavia, serão todos esses princípios realmente válidos? Numa adaptação de uma conferência realizada na Escola de Defesa Nacional da Força de Defesa de Israel, este oficial-general israelense afirma que os princípios são válidos quando aplicados nas situações apropriadas e que eles não devem ser ignorados.*

**T**odos aqueles que acreditam na máxima “é através da dissimulação e de estratagemas que se faz a guerra”, devem entender que *dissimulação e estratagemas* são, na

realidade, um “pacote” de princípios de guerra. Este conjunto não é uma “caixa preta” cujo conteúdo é desconhecido, mas, pelo contrário, é essencial saber quais são os seus componentes

e o seu relacionamento recíproco, a fim de criar uma "dosagem" correta de acordo com as circunstâncias. Neste particular, como em cada um dos princípios de guerra, não há nada de novo. Até mesmo o chinês Sun Tzu disse: "Não repita os artifícios que já o conduziram à vitória. Deixe que seus métodos sejam determinados pela infinita variedade de situações."

## A POLÊMICA SOBRE O VALOR

Há quem duvide do valor dos princípios de guerra. O Professor Yehoshafat Harkabi, por exemplo, diz, em seu livro *War and Strategy*, que eles carecem de coerência interna ou se contradizem uns aos outros e acrescenta que eles podem ajudar a explicar o desfecho final — a vitória, por um lado, e a derrota, por outro.

Harkabi considera os princípios de guerra como conselhos ou "máximas de sabedoria" (Pirke Aboth)\* que enriquecem a mente mas não proporcionam regras práticas sobre como agir. Além disso, ele alega que o valor pedagógico dos princípios de guerra é limitado e mais negativo do que positivo. Harkabi se vale de personalidades tais como Karl von Clausewitz, B.H. Liddell Hart e Bernard Brodie para corroborar o seu ponto de

vista. Segundo Brodie, os princípios de guerra debilitaram o pensamento militar.

Em seu livro *The Strategy of Indirect Approach*, Liddell Hart criticou o fato de que os princípios de guerra são expressos em simples palavras — surpresa, segurança, flexibilidade, e assim por diante — que exigem milhares de palavras para defini-los, mas será que isto significa que ele os rejeita totalmente? Pelo contrário, Liddell Hart, na década de 30, escreveu extensivamente em seu livro *Thoughts on War* sobre cada um dos princípios tradicionalmente aceitos. Tentou até organizá-los em grupos semelhantes aos movimentos do seu "conceito de pugilista": aparar um golpe, desferir um golpe e movimentar-se.

Em contraste com Henri Jomini, que considerava que os princípios de guerra deviam ser tratados como os Dez Mandamentos — ver e obedecer — Clausewitz era mais "flexível". Segundo ele, os princípios de guerra constituem uma combinação de idéias com um fundo de verdade, mas que não são suficientemente poderosos para que sejam obrigatórios, como uma lei: Quer isso dizer que Clausewitz rejeitava o valor dos princípios? É difícil de dizer, especialmente depois que Clausewitz foi solicitado, "entre outros de seus crimes", a escrever um livro sobre os princípios de

\* Pirke Aboth ou "Dizeres dos Pais": o autor se refere à magnífica coletânea da sabedoria dos rabinos, datando, talvez, dos 1º e 2º séculos D.C.

guerra para o príncipe herdeiro da Prússia, e o fez.

De qualquer forma, Harkabi se encontra em minoria no que tange a este assunto, e seria possível apresentar uma extensa lista de especialistas cujas opiniões contrariam as dele. Escolhi o antigo Tenente-General Yigael Yadin, por quem tenho grande admiração pessoal e respeito, para melhor refutar as opiniões de Harkabi. No dia 28 de março de 1949, Yadin, na época Chefe do Estado-Maior do Quartel-General Geral (GHQ) da Força de Defesa Israelense (IDF), fez uma conferência para um grupo de comandantes de batalhão sobre as lições da Guerra da Independência, dizendo, entre outras coisas:

*Os princípios de guerra são tão válidos para nós quanto para qualquer outro exército. Devemos nos basear nesses princípios e lembrarmos-nos, ao mesmo tempo, que a arte da guerra consiste, principalmente, em decidir qual deles deve ser explorado ao máximo em cada situação.*

*Este é um dos principais axiomas; entretanto, durante a Guerra da Independência, certos comandantes tentaram desenvolver uma teoria segundo a qual 'na nossa situação, os princípios são diferentes'. Isto sucedeu porque eles não souberam diferenciar os princípios dos seus graus de aplicação e não compreenderam que eles são verdadeiros tanto para exércitos pequenos como grandes, e que*

*as diferentes condicionantes (que são peculiares a cada exército) devem ser expressas da maneira segundo as quais os princípios são usados, selecionando, numa ordem de prioridade, aqueles que melhor se adaptam às situações especiais.*

Mais adiante, em sua conferência, Yadin explicou o que acabara de dizer por meio do seguinte exemplo: os comandantes de 1948 enfatizaram o princípio da surpresa e negligenciaram os da concentração e economia de forças e, em consequência, desencadearam um ataque de surpresa contra o forte policial de Iraque Suedan, mas, após o sucesso inicial, não dispuseram de efetivo suficiente para prosseguir e efetuar o aproveitamento do êxito.

Yadin atribua particular importância à concentração e economia de forças e ao princípio da "aproximação indireta" de Liddell Hart, mas encontro certa dificuldade em aceitar, automaticamente, as suas "prioridades". Constatei que a liderança, a tecnologia e a doutrina têm afetado a história militar e que os princípios de guerra, como um todo, sem tentar estabelecer qualquer hierarquia interna, constituem a base da doutrina, e é nisso que repousa a sua importância. O fato de que o emprego dos exércitos é mais uma arte do que uma ciência não anula os referidos princípios, pelo contrário, até mesmo o artista com algum talento nato precisa de princípios — como

segurar o pincel, como misturar as cores — antes de se tornar um Rembrandt.

Negar o valor dos princípios de guerra equivale a dizer que não há motivo para se estudar a história, uma vez que esta nunca se repete. Se bem que isto seja verdade, também é verdade que os erros cometidos em virtude de se ignorar a experiência e as lições da história de fato *se repetem*, precisamente porque a primeira não foi estudada e as últimas não foram aplicadas.

Se eu fosse solicitado a sintetizar a contribuição do conjunto de princípios de guerra, sob a forma de um superprincípio, escolheria a expressão "aproveitamento máximo da força".

## EMPREGO DOS PRINCÍPIOS

Os princípios de guerra são "mandamentos" que servem como diretrizes para se pensar sobre a guerra, conduzi-la e aprender as lições dela resultantes. Não é por acaso que o número de princípios de guerra é pequeno, como na nação judaica, por exemplo, em que eles são apenas 10, enquanto existem 613 *mitzvah* (boas ações).

Os princípios de guerra foram extraídos das lições aprendidas das guerras, e não as antecederam, isto é, eles não foram formulados e as guerras conduzidas, em seguida, com base neles. Entretanto, no momento em que são estabeleci-

dos, devem ser aplicados na guerra (especialmente na fase de planejamento) e verificados posteriormente.

Esta é uma exigência justificada, porém nem sempre posta em execução. Por exemplo, desde a vitória de Israel, em junho de 1967, a Força de Defesa Israelense (*IDF*) tem-se voltado, mais que antes, para a área da execução prática, ao invés da do pensamento e discussão. O Alto-Comando Israelense tende a negligenciar o estudo da teoria da guerra e os seus princípios. Além disso, ao analisar os exercícios de campanha, para não mencionar as incursões, como a Guerra do Líbano, os princípios de guerra raramente têm sido citados como um critério válido para o exame dos acontecimentos e a extração de conclusões. Na síntese da guerra do Oriente Médio, em 1973, não foi mencionado que, a 8 de outubro do mesmo ano, Israel deixou de pôr em prática o princípio da concentração de forças, uma vez que as frentes norte e sul foram atacadas simultaneamente e a força aérea ficou dividida entre as duas. E no sumário da Guerra do Líbano não foi dito que os princípios da economia de forças e da manutenção do objetivo tinham sido violados. O povo falava, ao invés disso, principalmente, de fracassos pessoais.

Os princípios não são uma "droga milagrosa", mas, isso sim, uma lista de verificações que se constitui na síntese das grandes experiências históricas

conquistadas com sangue. Todo aquele que for suficientemente sensato para apoiar-se neles aumenta suas possibilidades de vitória, porém nada mais que isso. Além do mais, o importante não é o conhecimento dos princípios, mas o grau em que eles são empregados de forma inteligente. Segundo esse ponto de vista, os princípios não são mais do que bons conselhos — diretrizes para a execução, cujo valor depende, principalmente, dos próprios executores. A realidade tem mostrado que não se pergunta comumente a um comandante vitorioso se "Você agiu de acordo com os princípios?" O mesmo não acontece quando ele fracassa em sua missão.

Os princípios tradicionalmente aceitos se referem à guerra convencional, ao passo que a guerra de guerrilha dispõe dos seus próprios princípios. Eles são aplicáveis a todos os níveis: estratégico nacional, estratégico militar, operacional e tático, mas o significado de cada um é diferente, como, por exemplo, a surpresa tática, que difere da estratégica. Cada princípio é, de fato, composto de um certo número de regras — o que fazer, o que não fazer, como fazê-lo e assim por diante, que não são tão fixas como o próprio princípio. Em outras palavras, para pôr em prática um certo princípio, você deve utilizar as regras a ele pertinentes.

Existem princípios que são mais essenciais que outros; existem os que podem auxiliar o comandante e os de natureza

técnica, tudo dependendo da situação e do nível da discussão, e mesmo que seja dito que eles são válidos em todos os níveis, seu valor irá diferir em cada um deles. Às vezes, eles se contradizem uns aos outros, como, por exemplo, os princípios da segurança e da concentração de forças, pois enquanto o primeiro preconiza que as forças sejam divididas, o segundo estabelece exatamente o contrário, mas, ainda assim, eles devem ser tratados como um conjunto. A *IDF* tem adotado um grupo relativamente pequeno de oito princípios:

- Manutenção do objetivo.
- Economia de forças.
- Iniciativa e ofensiva.
- Segurança ou proteção.
- Surpresa.
- Cooperação.
- Concentração de forças ou esforço.
- Flexibilidade.

Esses princípios, como outros já aceitos em vários exércitos do mundo, são necessários: para fins de *estudo*, inclusive para a preparação da teoria da guerra (tática); para fins de *estudos de situação* e aprovação de planos, particularmente porque o processo mental, que é feito por uma equipe e não por um indivíduo, é mais bem desenvolvido quando se segue uma *lista de verificação*; e para fins de exame e análise dos acontecimentos e a consequente *extração de conclusões (feedback)*.

Pode-se perguntar: em que fase do processo decisório (es-

tudo de situação) os princípios devem ser introduzidos? Existe um grande número de possibilidades. Uma linha de ação pode ser justificada pelos princípios de guerra, ou possíveis linhas de ação alternativas podem ser comparadas com a ajuda dos critérios estabelecidos nos mesmos princípios, que também podem ser usados na fase de aprovação do plano. Isso significa estudar o plano proposto à luz dos princípios de guerra, assegurando, por conseguinte, um exame meticuloso que aumentará as possibilidades de êxito do referido plano.

É óbvio que nem *todos* os princípios serão aplicáveis em cada caso. Além disso, insistir que todos eles devem estar presentes com igual intensidade em todos os planos é uma idéia errônea. O seu valor, em cada plano, não é prefixado, e a verdadeira arte consiste em encontrar a dosagem certa com base no conhecimento (dos princípios) e na experiência (como usá-los). Para fins de ilustração, o princípio da concentração de forças sugere que o máximo efetivo possível devia ter sido concentrado para garantir a vitória no Líbano. Por outro lado, o da economia de forças sugere que as forças deviam ter sido reduzidas, porém empregadas sensatamente. Somente a combinação desses princípios poderia ter resultado num princípio melhor.

Durante a Guerra do Oriente Médio, em 1973, a divisão sob o

comando do Major-General Moshe ("Musa") Peled foi enviada rapidamente para o Comando Norte (e acertadamente, por sinal). Entretanto, o Quartel-General Geral perdeu, desta forma, sua única força de reserva disponível e violou o princípio da flexibilidade. Essas decisões foram tomadas no nível do Quartel-General Geral, subordinado apenas ao nível governamental, que não interfere em tais decisões. A situação é diferente, entretanto, quando se refere ao nível de comando em relação à fase de "aprendizagem da lição".

Não é necessário ressaltar que o estudo dos princípios de guerra constitui uma condição prévia para a sua aplicação nas fases de planejamento e execução. Todos parecem reconhecer esse fato, entretanto parece que a Força de Defesa Israelense ainda não encontrou um método que irá garantir a eficiência do estudo dos princípios. Assistir a uma conferência de uma hora e participar, posteriormente, das discussões, não é suficiente. Pelo contrário, todo aquele que deseja estudar os princípios de guerra deve ler a literatura militar sobre o assunto — e quanto mais, melhor.

Deve-se mencionar que a participação em críticas ou relatórios, não somente para quem está fazendo a exposição, mas também para o ouvinte que deseja aprender extraindo conhecimentos da experiência de outros, é um excelente método de estudo. Mas isso só é válido

quando a análise dos fatos e a extração de conclusões são feitas, principalmente, segundo uma lista de verificação constituída, essencialmente, dos princípios de guerra. O fato de que, na maioria dos casos, as críticas ou os relatórios não são conduzidos de acordo com tal lista de

verificação não quer dizer que os princípios tenham perdido seu valor. Pelo contrário, significa que tanto o método de estudo como o de aplicação dos princípios de guerra devem ser radicalmente modificados nas fases de planejamento, execução e *feedback* (realimentação).



*O General-de-Brigada AVRAHAM AYALON é o instrutor de maior patente da Escola de Defesa Nacional da Força de Defesa Israelense em Telavive, Israel. Formou-se e obteve o título de Mestre pela Universidade de Telavive e cursou a Escola de Estado-Maior Israelense e a Escola de Serviços Internacionais da Universidade Americana, em Washington, D.C. Serviu como historiador militar*

*do Ministério da Defesa de Israel, em Telavive, como assistente do Adido Militar na Embaixada de Israel, em Washington, D.C., e como assistente do Chefe da Unidade de Segurança Nacional do Ministério da Defesa de Israel.*